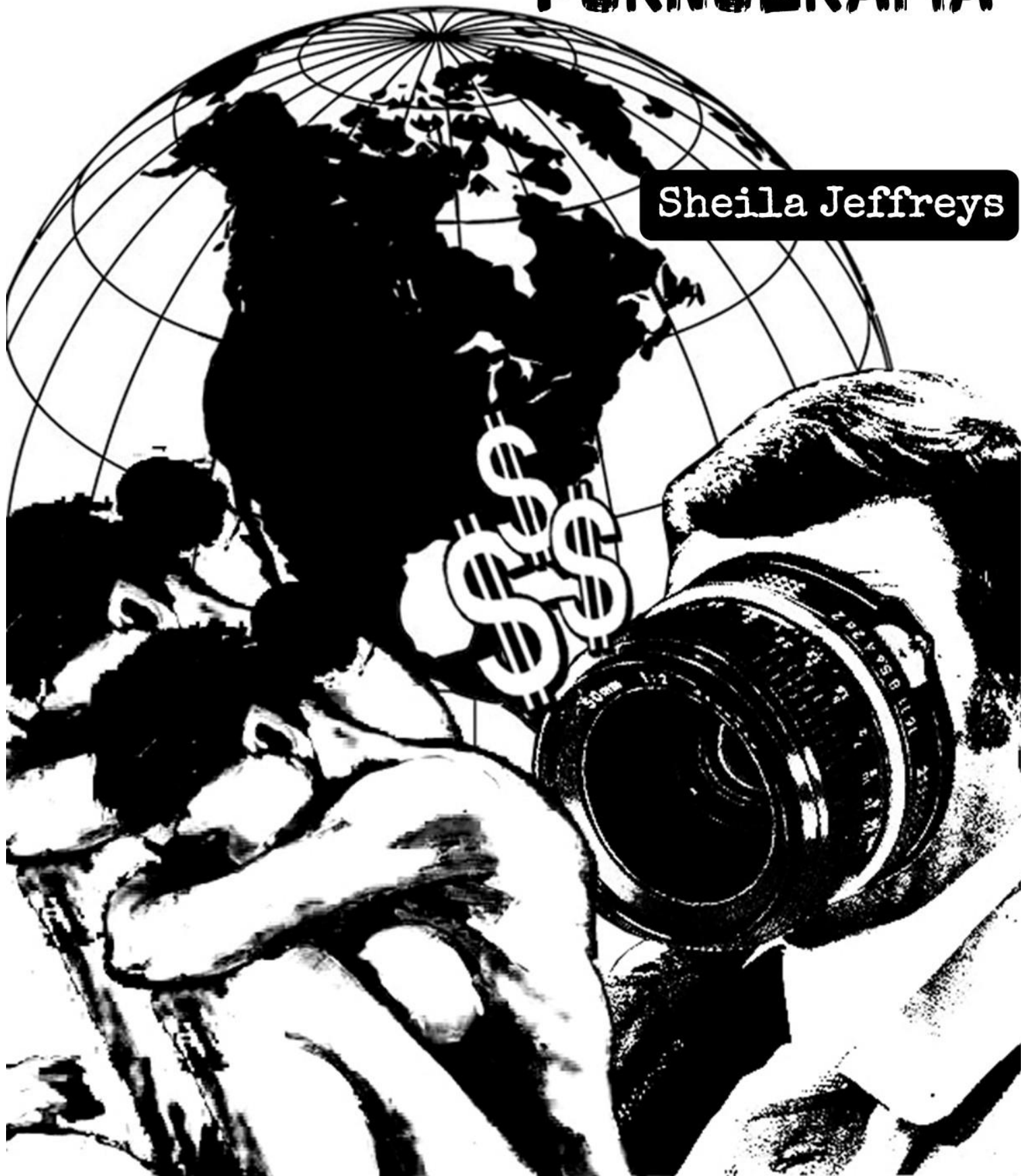


A ECONOMIA POLÍTICA INTERNACIONAL DA PORNOGRAFIA

Sheila Jeffreys



Aviso de conteúdo sensível

O texto a seguir apresenta conteúdos que podem ser sensíveis a algumas pessoas devido às sequelas e traumas gerados pelas práticas abusivas e violentas da indústria pornográfica sobre os corpos e mentes de mulheres e crianças. Ao abordar o desenvolvimento da economia política internacional da pornografia, a autora apresenta fatos reais sobre os reflexos da indústria pornográfica na vida de suas vítimas no mundo todo, com relatos que passam por questões como o tráfico internacional, a relação da indústria pornográfica com a miséria socioeconômica de suas presas, a cafetinagem, os estupros pagos e a relação de todas essas violências camufladas como entretenimento para um público cada vez maior de uma indústria que tem como produto a venda, abuso e descarte de mulheres e crianças.

A economia política internacional da pornografia

A indústria pornográfica é a plataforma de lançamento da normalização contemporânea da indústria do sexo no ocidente. É onde começou o crescimento considerável em todo o setor. Defendida na contracultura e na revolução sexual da década de 1970 como “transgressora” e libertadora (Jeffreys, 1990/91), é agora uma indústria extremamente lucrativa que foi integrada para gerar receita para grandes corporações. A base da indústria é o uso sexual de meninas e mulheres jovens vulneráveis por falta de moradia e histórias de abuso sexual ou por tráfico. Mas os lucros dessa indústria não vão para aquelas que são mais prejudicadas por ela. Os danos tornaram-se invisíveis à medida que a pornografia foi normalizada na cultura popular, por meio das indústrias de entretenimento, esportes, música e moda (Jeffreys, 2005). A pornografia tornou a indústria do sexo moderna. Criou clientes para clubes de *strip-tease*, às vezes chamados de “pornografia ao vivo” e, em última análise, para bordéis e outras formas de prostituição. A duplicação da porcentagem de homens no Reino Unido em 10 anos que agora prostituem mulheres foi atribuída à normalização da exploração sexual comercial de mulheres que a pornografia e os clubes de *strip-tease* possibilitaram (Ward e Day, 2004). Neste capítulo, examinarei a expansão e a globalização da indústria e o que está envolvido em sua produção.

Teoria feminista e pornografia

Em meados da década de 1980, a oposição feminista à pornografia estava no seu auge e forneceu uma força motivadora para o movimento de libertação das mulheres. Essa oposição se desenvolveu em resposta à decensura da pornografia ocorrida na chamada revolução sexual das décadas de 1960 e 1970 (Jeffreys, 1990/91). As críticas feministas rejeitaram os impulsos normalizadores que representavam a pornografia apenas como sexo ou representação, e quaisquer tentativas de limitar sua produção como “censura” e uma ameaça à liberdade de expressão. Elas argumentaram que a pornografia fornecia o DNA da dominação masculina, e Kathleen Barry descreveu a pornografia como a propaganda do ódio às mulheres (Barry, 1979). Foi vista como violência contra as mulheres por causa do que foi feito às meninas e mulheres na produção de pornografia e foi entendida como fornecendo aos homens um roteiro para a violência sexual contra as mulheres, ensinando-os a ver as mulheres como amorosas e merecedoras de abuso (Dworkin, 1981). Em meados da década de 1980, parecia que a oposição feminista poderia dar frutos no decreto

antipornografia elaborado nos Estados Unidos pelas teóricas feministas radicais Andrea Dworkin e Catharine MacKinnon, que permitia às mulheres um remédio civil contra os pornógrafos. Mulheres prejudicadas na produção de pornografia ou por tê-la usada contra elas poderiam processar os fabricantes e distribuidores dos materiais (MacKinnon e Dworkin, 1997). Mas, para a devastação de muitas das que lutavam contra a pornografia, desenvolveu-se uma defesa feminista da prática, que ecoou precisamente os argumentos dos liberais da liberdade de expressão masculina e dos fabricantes masculinos, de que era uma forma de “expressão” que deve ser defendida para que a censura não arrefeça a liberdade política na América (MacKinnon, 1993). O decreto foi contestado com sucesso por uma aliança de grupos de liberdades civis e feministas que adotaram uma abordagem de liberdade de expressão, e nunca foi implementado.

Em meados da década de 1980, as comunidades feministas e o ativismo no Ocidente foram divididos pelo que alguns chamaram de “guerras do sexo”, nas quais feministas anti-violência que se opunham à exploração sexual de mulheres e exigiam a transformação total da sexualidade dominante/submissa da supremacia masculina foram vigorosamente combatidas por outras que promoviam uma “liberdade sexual” que tomava como base a própria sexualidade que o poder masculino havia criado (Jeffreys, 1990/91). A fissura entre essas diferentes perspectivas sobre a sexualidade era tão ampla, e o campo da liberdade sexual tão fortemente sustentado por liberais e pornógrafos masculinos na mídia e na cultura convencionais, que a campanha feminista anti-pornografia perdeu seu ímpeto na década de 1990. Assim, a transformação da pornografia em um setor industrial altamente lucrativo e dominante na década de 1990 foi capaz de ocorrer com pouca interrupção dos piquetes e protestos que caracterizaram as duas décadas anteriores.

O trabalho de Laura Kipnis, que ensina Rádio-TV-Filme na Northwestern University, é um bom exemplo da abordagem da liberdade sexual/liberdade de expressão (Kipnis, 2003). Sua defesa entusiástica da pornografia é de grande alcance. Ela não vê a pornografia como uma indústria, nem percebe que algo é feito para mulheres e meninas reais na produção dela. Ela vê a pornografia como “fantasia” e uma parte essencial da “cultura”: “A pornografia é uma forma de expressão cultural e, embora seja transgressiva, disruptiva e acerte abaixo da cintura - em mais de uma maneira - é uma forma essencial de cultura nacional contemporânea” (ibid., p. viii). O argumento de que os proponentes da pornografia são de alguma forma contraculturais é bastante tênue, considerando a forma como a pornografia foi incorporada à cultura ocidental, mas alguns ainda se apegam à noção romântica de que os pornógrafos são “transgressores” ao usar ou defender a prática, em vez de simplesmente os portadores da bandeira do domínio masculino. Os oponentes da pornografia, na visão de Kipnis, “parecem universalmente dominados por uma literalidade pesada e

embrutecedora, aparentemente nunca tendo ouvido falar de metáfora, ironia, um símbolo - mesmo a fantasia parece um conceito muito desafiador" (ibid., P. 163). Ataques feministas à pornografia, diz ela, são "tão deprimentes e tão politicamente problemáticos" (ibid., P. 188). As críticas feministas são, ela considera, de classe média e inibidas, querendo "aniquilar" o "macho Hustler¹ de baixa renda e seus prazeres" (ibid., P. 148). As feministas não devem se preocupar porque "as 'violações' da Hustler são simbólicas" e não têm conexão com "sexo real ou violência" (ibid., P. 158). Não há mulheres reais sendo exploradas e abusadas sexualmente na pornografia de "fantasia" que Kipnis defende.

Nadine Strossen, presidente da American Civil Liberties Union [União Americana de Liberdades Civas] e professora de direito, tem uma abordagem semelhante. Ela se dedica a defender a "liberdade de expressão" e chama a pornografia de "expressão sexual", que é vital defender dos censores (Strossen, 2000). O movimento das mulheres, afirma ela, depende de "robusta liberdade de expressão, particularmente no domínio da sexualidade" (ibid., P. 29). Ela é ainda mais indiferente às preocupações feministas: "É essencial descarrilar o rolo compressor feminista-tradicionalista anti-sexo antes que seu impacto nas percepções públicas e nas políticas públicas se torne ainda mais devastador" (ibid., P. 29). Claramente, para os liberais americanos, a oposição feminista à pornografia parecia poderosa, embora fosse incapaz de limitar ou prejudicar o crescimento da indústria. No entanto, no século XXI há evidências de um renascimento do ativismo feminista e da preocupação com a pornografia, em resposta ao tamanho e influência da indústria e a forma como ela é vista como construindo a cultura na qual as mulheres, especialmente as jovens, vivem (Levy, 2005; Paul, 2005; Guinn e DiCaro, 2007; Stark e Whisnant, 2004).

Em contradição com essa abordagem de liberdade de expressão, Catharine MacKinnon, antes e depois da morte prematura de Andrea Dworkin em 2005, continuou a apontar que a pornografia não é *Only Words* [Apenas Palavras] (MacKinnon, 1993), mas uma prática política que subordina as mulheres. É uma parte essencial e indissociável da indústria da prostituição e uma forma de tráfico de mulheres para exploração sexual. Como ela explica: "Na realidade material, a pornografia é uma forma pela qual mulheres e crianças são traficadas para sexo. Para fazer pornografia visual, a maior parte dos produtos da indústria, mulheres e crianças reais, e alguns homens, são alugados para uso em atos sexuais comerciais. Nos materiais resultantes, essas pessoas são então transmitidas e vendidas para uso sexual do comprador" (MacKinnon, 2006, p. 247). A pornografia é um "tráfico de escravos tecnologicamente sofisticado" permitido

¹ *Hustler* é uma revista pornográfica mensal voltada para o público heterossexual masculino publicada nos Estados Unidos, fundada por Larry Flynt. É uma revista supostamente mais de "esquerda", tendo uma perspectiva mais populista e da classe trabalhadora do que a *Playboy*, por exemplo. É vista como uma revista que transgride as "normas burguesas".

“porque suas vítimas são consideradas socialmente sem valor” (ibid., P. 112). A pornografia pode ser uma forma particularmente grave de prostituição em termos dos danos que as mulheres prostituídas nesta prática experienciam. Este capítulo irá abordar os danos do processo de produção, bem como testar de forma mais geral a visão de que a pornografia é sobre fantasia inofensiva e “expressão” e socialmente “transgressiva”.

O valor da indústria

O tamanho e o valor da indústria da pornografia no presente, e até que ponto ela foi incorporada aos negócios do dia-a-dia das grandes corporações e nas indústrias de entretenimento, música e moda (Jeffreys, 2005), deve imediatamente lançar dúvidas sobre qualquer noção de que a pornografia é “transgressiva”, embora essa seja uma ideia à qual seus defensores ainda se apegam. O setor agora é coberto com seriedade nas páginas de negócios dos jornais. Empresas de pornografia, como Beate Uhse, da Alemanha, estão listadas na Bolsa de Valores. Os lucros exatos obtidos com a indústria são difíceis de avaliar, em parte porque há uma grande diversidade de formas de exploração sexual envolvidas e porque algumas empresas não desejam que seu envolvimento em pornografia seja conhecido. O livro *Obscene Profits* [Lucros Obscenos] (2001) de Frederick Lane fornece informações úteis sobre a história e o *modus operandi* da indústria. É também um bom exemplo de até que ponto a indústria se tornou respeitável, uma vez que é um livro de “como fazer” para aspirantes a empreendedores da pornografia, publicado por uma editora acadêmica convencional, Routledge. Como ele explica de maneira tagarela: “À medida que a indústria da pornografia continua a crescer cada vez mais, as barreiras sociais para iniciar um negócio adulto continuarão a cair” (Lane, 2001, p. 146). Lane é surpreendentemente franco, em seu relato muito positivo da indústria, sobre o fato de que ela é controlada por homens e os lucros vão para os homens. Assim, ele explica: “Embora o número de sites realmente administrados por mulheres seja certamente maior do que dois, provavelmente não é significativamente maior... As imagens das mulheres e os lucros que elas geram ainda são amplamente controlados pelos homens... a demanda está sendo atendida pela venda de grandes coleções de fotografias de mulheres que receberam uma quantia nominal (se é que receberam)” (Lane, 2001, p. 211). Lane estimou que em 2001 o valor total da indústria nos Estados Unidos era de US\$10 bilhões ou possivelmente tanto quanto US\$15-20 bilhões (Lane, 2001, p. xiv). Mesmo usando a estimativa mais conservadora, ele explica, a indústria da pornografia arrecada em torno do valor que os americanos pagam por eventos esportivos e apresentações musicais ao vivo combinados.

Em 2007, um site que analisa tecnologia para a web, incluindo sistemas de filtro da Internet, Top Ten Reviews, coletou informações de várias fontes sobre o tamanho e o valor da indústria pornográfica. A receita da pornografia nos Estados Unidos foi estimada em US\$13,33 bilhões, valor superior à receita total das corporações de mídia ABC, NBC e CBS. O Top Ten Reviews estimou que a indústria valia US\$97,06 bilhões em todo o mundo, o que é mais do que a receita combinada das dez maiores empresas de tecnologia da web, como Microsoft, Google e Amazon (Top Ten Reviews, 2007). Em 2007, havia 4,2 milhões de sites pornô, que constituíam 12% de todos os sites, e 420 milhões de páginas pornográficas. As vendas de pornografia pela Internet foram estimadas em US\$4,9 bilhões. Por país, o maior número de páginas pornográficas teve origem nos EUA, com 244.661.900, seguido pela Alemanha, com 10.030.200, Reino Unido, com 8.506.800, Austrália, com 5.655.800, Japão, com 2.700.800, Holanda, com 1.883.800, Rússia, com 1.080.600, Polônia, com 1.049.600 e Espanha, com 852.800. Na Dinamarca, estima-se que a pornografia seja a terceira maior indústria em termos financeiros, e Richard Poulin aponta que o país foi o berço da "revolução sexual" que descensurou a pornografia e deu início à comercialização da subordinação sexual feminina (Poulin, 2005, p.108). Os usuários europeus da Internet pagaram 70% dos US\$364 milhões que gastaram em 2001 em pornografia (ibid.). O número de títulos de pornografia *hardcore* produzidos aumentou de 1.300 em 1988 para 12.000 em 2004 e 13.588 em 2005 (Top Ten Reviews, 2007). As grandes empresas de distribuição de pornografia convencionais tinham receitas consideráveis. A Playboy ganhou US\$331,1 milhões em 2006, por exemplo, e Beate Uhse, US\$271 milhões.

A parte da indústria que reside em San Fernando Valley, em Hollywood, foi estimada em US\$1 bilhão em 2006 (Barrett, 2007). Esta é a principal área de produção nos EUA e tem 200 empresas em operação. Em 15 anos, a indústria de "entretenimento adulto" de Valley quadruplicou, com receitas anuais iguais às dos negócios de restaurante, fast-food e bar na área combinados (ibid.). Os estúdios são em sua maioria pequenos e os filmes baratos de fazer, a maioria custando US\$20.000 ou menos. No entanto, a Vivid, a maior empresa de Valley, ganhou US\$150 milhões em 2005. O trabalhador médio da produção ganha US\$61.000 por ano. A indústria californiana emprega 20.000 funcionários e paga US\$31 milhões em impostos apenas sobre a venda de vídeos (Poulin, 2005). Porém, mudanças estão ocorrendo no setor, o que ameaça sua base de lucro. As vendas e aluguéis de DVDs pornográficos caíram 15% em 2006 porque a competição na Internet está reduzindo o mercado (ibid.). A maior parte do dinheiro da indústria pornográfica nos Estados Unidos é feita pelos distribuidores, como empresas de *pay-per-view* e pornografia por assinatura, empresas de cabo e satélite, canais adultos e hotéis, que valem US\$1,7 bilhão (ibid.). No sistema hoteleiro americano, 40% dos quartos têm pornografia *pay-per-view*, o que representa 50% dos vídeos assistidos. Isso vale \$200 milhões por ano (ibid.). Os

lucros consideráveis da indústria da pornografia precisam ser pesados contra os prejuízos financeiros sofridos pelos consumidores homens. Um estudo de 2008 do UK Insolvency Helpline descobriu que um quarto das pessoas, predominantemente do sexo masculino, com dívidas problemáticas, confessou gastar dinheiro vendo pornografia, sexo por telefone e visitando bordéis ou clubes de *strip-tease* (Chivers, 2008). A indústria do sexo, conclui o relatório, está em terceiro lugar, atrás do abuso de drogas e álcool e do vício em compras na tabela das razões mais comuns para se endividar. Alguns homens perderam seus empregos por causa de suas “obsessões sexuais” e esse comportamento masculino também levou ao divórcio, o que agravou seus problemas financeiros.

Sexo por telefone é outro aspecto lucrativo da indústria pornográfica. Frederick Lane sugeriu que apenas em 2000 o sexo por telefone gerou entre US\$750 milhões e US\$1 bilhão em receitas nos Estados Unidos, com até 50% sendo retido por operadoras de telefonia de longa distância nos Estados Unidos (Lane, 2001, p.151). As nações empobrecidas do Terceiro Mundo ganham renda por terem regulamentações telefônicas negligentes e altas tarifas telefônicas por minuto que os clientes dos EUA pagam para fazer chamadas para esses países. Assim, de acordo com Lane, a ilha de São Tomé² viu o número de ligações recebidas dos Estados Unidos passar de 4.300 em 1991 para 360.000 em 1993. A ilha manteve aproximadamente US\$500.000 dos US\$5,2 milhões em ligações sexuais por telefone e usou o dinheiro para construir um novo sistema de telecomunicações (ibid.). Não só o trabalho é muito mal remunerado, mas até Lane, que é tão positivo em geral sobre a indústria da pornografia, admite que os excêntricos e “misóginos” podem criar problemas para as mulheres empregadas. Não surpreendentemente, a taxa média de esgotamento é de seis meses. As trabalhadoras, explica ele, ganham em média US\$9–10 por hora, enquanto as agências recebem US\$180–360. As trabalhadoras são, diz ele, “em sua maioria mães com baixa escolaridade e solteiras” (ibid.).

Expansão da indústria

As forças que permitiram que a indústria da pornografia se desenvolvesse de uma atividade marginal, um negócio masculino secreto de filmes de veado exibidos em festas privadas, para a indústria dominante de hoje incluíram mudanças nas atitudes do governo e da comunidade e desenvolvimentos tecnológicos. Nas décadas de 1960 e 1970, nos países ocidentais, os controles de censura à pornografia foram progressivamente relaxados sob a influência da “revolução sexual”. A pornografia foi representada como personificação da

² São Tomé e Príncipe é um país insular localizado no Golfo da Guiné, na costa equatorial ocidental da África Central. [N.T.]

liberdade sexual. Argumentei em outro lugar que esta revolução sexual simplesmente consagrou como valores sociais positivos os direitos dos homens ao acesso sexual às mulheres como brinquedos na pornografia e na prostituição e em suas relações sexuais (Jeffreys, 1990/91, 1997). Certamente as mulheres obtiveram alguns ganhos. Os direitos das mulheres a alguma forma de resposta sexual e de ter relações sexuais fora do casamento tornaram-se muito mais aceitos, mas o principal beneficiário desta "revolução", eu sugiro, é a indústria internacional do sexo. De acordo com Frederick Lane, o período de 1957 a 1973 é conhecido no mercado como a "Era de Ouro da Pornografia". Ele explica que a indústria foi estimulada pela demanda dos soldados americanos na Segunda Guerra Mundial por "revistas femininas". Assim, a prostituição militar, que foi uma força na construção das indústrias da prostituição e do turismo sexual no Sudeste Asiático após a Segunda Guerra Mundial, também esteve envolvida na construção da indústria global do sexo em outra arena. Quando a guerra acabou, as revistas foram lançadas no mercado doméstico dos Estados Unidos. A Playboy foi fundada em 1953 e lançada na Bolsa de Valores em 1971. A Hustler foi fundada em 1974. A empresa Playboy foi capaz de explorar uma forma diferente de vínculo masculino, substituindo os empresários, neste período de boom econômico, pelos militares. Lane explica que os Playboy Clubs foram criados para atender "homens de negócios" que estavam "procurando maneiras de se recompensar de forma tangível por seu sucesso" (Lane, 2001, p. 26). Eles encontraram isso em "segurar uma chave para um Playboy Club", que era um "símbolo tangível de ter 'conseguido'"(ibid.). Como recorda Lane: "Os clubes foram um grande sucesso; no último trimestre de 1961, por exemplo, mais de 132.000 pessoas visitaram a boate de Chicago, tornando-a a mais movimentada do mundo na época" (ibid.). Nesse período, era caro produzir pornografia, então a indústria era dominada pelas poucas produtoras que podiam pagar os US\$200.000 a US\$300.000 necessários para fazer um filme. Na "Era de Ouro", a indústria controlada pela máfia fez ligações com ativistas da liberdade de expressão e desenvolveu o dinheiro e os recursos para lutar contra processos legais para proteger sua indústria contra tentativas de restringi-la.

Nas décadas de 1980 e 1990, a indústria do sexo foi capaz de se expandir em um clima econômico e social de *laissez-faire*, individualismo de livre mercado. O liberalismo político associado a esta ideologia econômica particular privilegiou o direito de "liberdade de expressão" dos homens à pornografia em detrimento dos direitos das mulheres à integridade física. A expansão foi facilitada pelo desenvolvimento de novas tecnologias, como o videocassete e a Internet. O gravador de vídeo cassete (VCR) nasceu em 1973 e foi uma tecnologia crucial para a pornografia porque fornecia privacidade aos consumidores do sexo masculino. Eles podiam acessar pornografia sem ter que ir a cinemas especiais ou *peep shows*. A pornografia impulsionou a revolução do vídeo, levando à explosão de locadoras de vídeo para adultos e, eventualmente, de cadeias convencionais

como a Blockbuster. No início da década de 1990, o desenvolvimento da Internet proporcionou à indústria da pornografia novas oportunidades importantes. Era mais fácil para os consumidores do sexo masculino protegerem seu anonimato e não precisavam sair de casa para visitar a locadora.

A pornografia *hardcore* se tornou popular com o lançamento de *Deep Throat* [Garganta Profunda] em 1972. Linda Lovelace, a mulher prostituída no filme que tinha pênis enfiados na garganta com a justificativa de que ela tinha um clitóris ali, foi controlada por um marido/cafetão violento e seus hematomas eram visíveis na tela (Lovelace, 1987). Em geral, concorda-se que sua escravidão sexual foi o momento em que a indústria moderna decolou. Filmes "adultos" deixaram de ser um segredinho sujo e se tornaram parte e parcela do entretenimento convencional. Frank Sinatra fez uma exibição de *Deep Throat* para o vice-presidente dos Estados Unidos, Agnew, em sua casa (Adult Video News, 2002). O apresentador de *talk show* americano Johnny Carson brincou sobre o filme no The Tonight Show no início dos anos 1970. Os repórteres Woodward e Bernstein no escândalo Watergate apelidaram seu informante de "Garganta Profunda".

O fácil acesso às câmeras de vídeo do consumidor no final dos anos 1970 levou à pornografia caseira. A pornografia amadora levou ao que hoje é conhecido como *gonzo porn*, que é criado pelo próprio ator segurando a câmera e intercalando o uso sexual de mulheres com entrevistas com elas. O desenvolvimento das tecnologias digitais possibilitou que os homens comercializassem suas parceiras diretamente na Internet, eliminando o intermediário. A pornografia tornou-se mais facilmente acessível em meados da década de 1990, à medida que seu alcance se estendia aos sistemas de cabo e satélite, permitindo aos consumidores comprar vídeos adultos sem precisar sair de casa. Foi nesse estágio que a indústria da pornografia se tornou atraente para a América corporativa, para a General Motors e a AT&T. Os novos sistemas de entrega permitiram que corporações de primeira linha lucrassem com a pornografia sem chegar muito perto do produto. Em meados da década de 1990, a pornografia *hardcore* extrema se tornou popular entre os jovens rapazes. Isso incluía práticas como "cuspir e bocejar", em que um homem esticava o ânus de sua parceira o máximo que podia e colocava um espelho e uma mangueira nele para cuspir ou urinar. A penetração anal e dupla tornaram-se requisitos e o que era conhecido na indústria como o truque "hermético", significando um pênis em cada orifício, estupro coletivo, o que é chamado de "estrangulamento" (*choke-fucking*) e *bukkake*, no qual 50-80 homens ejaculam simultaneamente sobre o corpo nu de uma mulher deitada no chão.

A indústria da pornografia convencional passou muito rapidamente de algo com má reputação para o ganho de uma aceitação social considerável na

década de 1990. O Adult Video News (AVN) atribui a expansão da indústria neste período à política do governo Clinton de não processar a pornografia (Adult Video News, 2002). AVN especula que Clinton era um libertino que gostava de pornografia e tinha um estoque especial em seu avião, o Air Force One (ibid.). Nesse período, o número de produtoras de pornografia dobrou e a pornografia invadiu muitas áreas da sociedade americana. A indústria dos EUA fez grandes esforços para obter aceitação, como a contratação de lobistas, participação em instituições de caridade e campanhas para o uso de preservativos para prevenir a infecção pelo HIV. Aprendeu com outra indústria muito prejudicial, a do tabaco, que, embora já tenha perdido posição social agora, certa vez usou muito bem lobistas e porta-vozes para defender a indústria. Os homens de Marlboro foram usados para promover a indústria, por exemplo, embora alguns tenham morrido devido aos seus efeitos.

Donna Hughes (2000) identifica os EUA como o “país principalmente responsável pela industrialização da pornografia e da prostituição” por meio da prostituição local e militar e do desenvolvimento de uma indústria não regulamentada de pornografia na Internet. Ela destaca que os EUA “definiram a política para o desenvolvimento comercial da Internet” por meio de Ira Magaziner, Conselheiro Sênior do Presidente para Desenvolvimento de Políticas de 1993-1998. Magaziner coordenou a estratégia governamental sobre comércio eletrônico e economia digital, defendendo uma política de livre mercado para a Internet, onde o setor privado liderasse o desenvolvimento e a regulamentação da nova tecnologia. Ele disse que a falta de interferência governamental deu origem a 50% do crescimento econômico da economia dos EUA nos sete a oito anos anteriores a 1999. Ele argumentou que a censura seria impossível e problemas com a pornografia, como a proteção da privacidade e a proteção das crianças pode ser resolvida capacitando as pessoas a se protegerem e atribuindo aos pais a responsabilidade de proteger seus filhos do perigo. Essa proteção, disse ele, não era função do governo. Essa política deu aos Estados Unidos uma vantagem comercial e, neste período, os processos federais por violações da lei de obscenidade caíram de 32 em 1993 para 6 em 1997. A significação da dominação da indústria pelos EUA pode justificar que ela seja vista como uma forma de neocolonialismo americano, já que a indústria foi injetada nas sociedades modernas e tradicionais em todo o mundo. O crime organizado esteve fortemente envolvido na criação da indústria e na sua organização do dia-a-dia, devido à quantidade de dinheiro a ganhar e ao fato de se tratar de uma forma de prostituição, que sempre proporcionou um feliz terreno de caça aos grupos criminosos.

O crime organizado se populariza

Uma vez que a maior parte da indústria da pornografia sempre esteve sob o controle do crime organizado, a normalização da indústria pode ser vista como uma popularização do crime organizado. Os icônicos filmes de pornografia dos anos 1970 *Deep Throat*, *Behind the Green Door* [Atrás da Porta Verde] e *The Devil in Miss Jones* [O Diabo em Miss Jones], que têm o crédito de tornar a pornografia respeitável para o público convencional, foram dirigidos por Gerard Damiano, que estava envolvido com a máfia. (Poulin, 2005, p.) Richard Poulin documenta um pouco da história do envolvimento da máfia. Em 1975–1980 houve uma guerra da máfia pelo controle da indústria do sexo em desenvolvimento, que levou a 25 mortes somente no estado de Nova York. Poulin cita a opinião de William Kelly, investigador do FBI da indústria pornográfica, de que era impossível estar na indústria e não lidar de alguma forma com a máfia. Ele cita Daryl Gates, chefe da polícia de LA, que afirma que a máfia assumiu o controle da indústria do sexo na Califórnia em 1969 por causa dos grandes lucros a serem obtidos. Em 1975, eles controlavam 80%, enquanto em 2005 controlavam 85-90%.

Poulin detalha as origens do império da Playboy no controle da máfia. Quando o Playboy Club foi inaugurado em 1960 em Chicago, estava praticamente nas mãos do crime organizado. A licença de uso do álcool foi obtida de políticos sob controle da máfia, e a máfia de Chicago forneceu o gerente, descarte de lixo, estacionamento, bebidas alcoólicas e carne (ibid.). A máfia de Chicago também estava fortemente envolvida com clubes de *strip* e pornografia em Las Vegas. Na Califórnia, em 2002, a maior parte da produção e distribuição de vídeos pornográficos estava nas mãos de Joseph Abinanti, associado da família Lucchese do crime de Nova York (ibid., P. 123). O clube de motociclistas da Filadélfia, os Pagans, está envolvido na venda de pornografia nos Estados Unidos e gangues de motoqueiros também estão envolvidas na indústria no Canadá. Outros grupos de crime organizado internacional estão envolvidos na indústria da pornografia. Assim, a Yakuza japonesa financia a indústria da pornografia na Holanda (ibid.).

Um bom exemplo da maneira como a pornografia populariza a atividade criminosa é o relato e a participação no funeral de James Mitchell e seu irmão, Artie, que foram os pioneiros do clube de *strip* e da indústria pornográfica nos Estados Unidos. Eles abriram o O'Farrell Theatre em San Francisco em 1969 e tiveram problemas com a polícia por causa dos "shows de sexo ao vivo e filmes pornôns que eles produziram no cinema adulto" (Coetsee, 2007). James cumpriu pena de prisão por "atirar fatalmente no irmão mais novo" que ele "adorava" (ibid.). James, como Larry Flynt, que criou o império Hustler da pornografia e dos clubes de *strip* agora sendo franqueado em todo o mundo, e fez um filme popular de Hollywood exaltar sua importância para a liberdade política dos americanos,

The People Versus Larry Flynt (1996), é tido como uma inspiração. Assim, em seu funeral, o consultor político Jack Davis, em São Francisco, disse: "Todos nós devemos [nossas] liberdades pessoais aos irmãos pelas lutas que travaram em nosso nome" e creditou a Mitchell por sua parte em transformar o entretenimento adulto de um "sombrio e úmido negócio de bastidores" para uma indústria legítima. Jeff Armstrong, o gerente do teatro, disse: "Ele foi nosso Heitor e nosso Aquiles, e nós redigimos por trás dele."

Este negócio controlado pela máfia ganhou respeitabilidade no final do século XX. As grandes corporações superaram qualquer escrúpulo que pudessem ter ao ver os lucros que poderiam ser obtidos com a distribuição de pornografia. Como disse o fundador e diretor da Digital Playground: "Vejo o negócio da pornografia onde Vegas e os jogos de aposta estavam nos anos 70. Vegas ainda era propriedade da máfia e eles estavam fazendo a transição desses pequenos grupos de pessoas para propriedade de uma empresa. Eu sinto que exatamente a mesma coisa vai acontecer com [filmes] adultos" (Barrett, 2007).

A popularização da pornografia

A indústria da pornografia está rapidamente ganhando tanta legitimidade que as principais instituições financeiras estão preparadas para investir nela. O New York Times relata que o envolvimento dos principais investidores está "em sua infância" (Richtel, 2007). "Fundos de capital de risco e fundos de investimento em participações privadas", relata, estão começando a mostrar interesse em empresas de produção e distribuição de pornografia. Assim, o banco de investimento Ackrell Capital tem uma "prática crescente" de "combinar investidores com fabricantes e distribuidores de conteúdo com tema sexual". Os investidores são atraídos pela "capa de relações públicas", ao reempacotar as empresas de uma "forma mais convencional", de modo que obtenham uma grande parte de sua receita com pornografia, mas se ramifiquem em áreas mais convencionais como cobertura. Assim, a Waat Media distribui conteúdo para telefones celulares e tem negócios com vários fabricantes de pornografia explícita, como Penthouse e Vivid Entertainment. Em setembro, a Spark Capital, uma importante empresa de capital de risco, liderou uma rodada de financiamento de US\$ 12,5 milhões para Waat, mas mudou o nome da empresa para Twistbox Entertainment e empacotou a empresa como uma "distribuidora de conteúdo móvel" (ibid.).

A pornografia é agora tão popular que constitui um setor muito lucrativo dos negócios de empresas respeitáveis como a General Motors, que vende mais filmes pornográficos anualmente do que a rede Hustler (Poulin, 2005). A General Motors era dona da DirecTV, uma distribuidora de pornografia, que agora é propriedade de Rupert Murdoch. A integração da grande mídia com a indústria

pornográfica ajuda a explicar a maneira como a pornografia e os clubes de *strip* são normalizados na mídia. O Banco da Irlanda investiu na Remnant Media, uma produtora pornográfica. Agora pode ser caro para as empresas convencionais decidirem não se envolver com pornografia. A America Online, a Microsoft e o MSN se recusaram a permitir que empresas adultas instalassem seus serviços e não aceitam anúncios de pornógrafos. Mas, Frederick Lane aponta, quando o Infoseek foi comprado pela Disney e tomou a mesma decisão sobre pornografia, foi definido que perderia 10% de suas receitas publicitárias, que são 95% das receitas totais (Lane, 2001, p. 189). As empresas de cartão de crédito estão envolvidas na indústria da pornografia porque são a principal forma de pagamento. As empresas de pornografia cultivam relacionamentos com as empresas de cartão porque podem ser vistas como de alto risco em razão de "estornos", ou seja, situações em que os clientes se recusam a pagar uma taxa, talvez por causa da grande quantia que descobrem ter gasto ou porque sua parceira questiona a declaração. A indústria da pornografia tem o cuidado de garantir aos clientes tímidos que as cobranças em seus cartões serão registradas de forma que parecerão inócuas para suas esposas. Assim, o AdultShop.com na Austrália explica que as compras serão "cobradas em dólares australianos e seu extrato informará sua compra como 'AXIS Hume Au'" (veja <http://shop.adultshop.com.au/>).

Adult Video News, a revista online da indústria pornográfica dos Estados Unidos, afirma que os vídeos pornográficos valem mais do que a indústria cinematográfica legítima de Hollywood e muitas vezes usam o mesmo pessoal. A indústria está centrada em Hollywood e cria mais empregos para o exército de técnicos de cinema e pessoal de set de Hollywood do que a produção convencional. Ele usa métodos e linguagem semelhantes. As produtoras de pornografia, por exemplo, agora têm "garotas contratadas" que estão sob contrato para trabalhar para a empresa como atrizes de cinema na indústria regular. Há cada vez mais cruzamentos entre os gêneros regular e pornografia. Os filmes convencionais são feitos sobre a indústria, permitindo que os homens vejam *strip-tease* e atos sexuais em seus cinemas locais. A indústria regular torna-se cada vez mais pornografada, mostrando uma atividade sexual cada vez mais gráfica. Outro aspecto da normalização que está ocorrendo é a maneira como a indústria da música está se entrelaçando com a indústria da pornografia. Gêneros inteiros de música pop agora se juntam à nova indústria respeitável, com atores de pornografia fazendo autógrafos na Tower Records, por exemplo. Eles vendem para os mesmos consumidores, homens jovens.

A indústria da pornografia também fez grandes avanços para ganhar influência sobre a política dominante. Um exemplo disso é o sucesso de Richard Desmond, o famoso pornógrafo do Reino Unido e editor de títulos de destaque como *Big Ones* [Grandes] e *Horny Housewives* [Donas de Casa] e um site de sexo

“ao vivo”. Em fevereiro de 2001, o governo trabalhista britânico aprovou a aquisição de Desmond dos tablóides Daily Express e Daily Star com dinheiro ganho com pornografia. Oito dias depois, o Partido Trabalhista britânico fez uma doação de £100.000 para despesas eleitorais (Maguire, 2002). Na época, os interesses comerciais mais lucrativos de Desmond estavam em canais de televisão pornográfica, que forneciam 75% de seus lucros antes dos impostos (Fletcher, 2002). Apesar de alguma reação crítica ao que parecia ser uma decisão de entregar dois jornais importantes do Reino Unido a um rei do pornô em troca de uma doação, em maio de 2002, Desmond foi convidado para um chá na Downing Street para se encontrar com Tony Blair. É difícil imaginar esse grau de aceitação social da pornografia e da indústria do sexo como sargentos de armas completamente razoáveis do Partido Trabalhista na década de 1970, quando a pornografia ainda tinha um ar de má reputação. Os lucros da indústria da pornografia são agora tão grandes que ela é capaz de exigir considerável obediência política.

Desmond tentou sem sucesso adquirir o Telegraph, o Sunday Telegraph e o Spectator. Curiosamente, para um pornógrafo que certamente deveria ser “transgressivo” se os apologistas da pornografia estiverem corretos, ele só se interessou pela propriedade de jornais de direita. Como resultado de doações para instituições de caridade, ele almoçou no Palácio de Buckingham e, em 1992, o duque de Edimburgo inaugurou oficialmente a nova sede da empresa que publica suas revistas pornográficas (Jones, 2000). Ele agora é estimado em £1,9 bilhão. Ele tinha planos em andamento em 2007 para concluir uma flutuação de £220.000 milhões em Portland, seu negócio de transmissão que inclui canais de pornografia como Fantasy TV e Red Hot TV (Judge, 2007). Como prova de que é difícil estar na indústria da pornografia sem envolvimento com o crime organizado, Philip Bailey, o principal assessor de Desmond, foi duramente atacado por bandidos da máfia como uma mensagem para seu chefe em Nova York no início dos anos 1990. Ele recebeu choques elétricos nos órgãos genitais, teve o rosto cortado com um estilete e foi chicoteado em associação com um conflito que Richard Martino, suspeito de envolvimento com a família Gambino, teve com Desmond por causa de anúncios de *dial-a-porn* (disque pornô) nas revistas de Desmond. Martino e seus companheiros foram a julgamento em 2005 por acusações de que ameaças de violência de gangues foram usadas para ajudá-los a ganhar centenas de milhões de dólares em esquemas de pornografia na Internet e *dial-a-porn* (Robbins, 2005).

Produção de pornografia

Apesar da determinação dos defensores da pornografia de afirmar que ela é discurso e fantasia, meninas e mulheres vivas têm seus orifícios penetrados para produzir pornografia. Elas usam drogas para sobreviver à dor e à humilhação e elas sangram. A pornografia tem os efeitos físicos prejudiciais à saúde das mulheres de outras formas de prostituição, que incluem vaginas e ânus esfolados e dor considerável (ver Holden, 2005). Eles incluem os danos físicos de doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada, abortos, infertilidade, doenças do trato reprodutivo, que levam a complicações na vida futura, e danos psicológicos (Farley, 2003). Muitos filmes de pornografia são rotineiramente feitos sem preservativos, apesar de vários atores de pornografia terem sido descobertos, na década de 1990, como HIV positivos e que passaram o HIV no set para outras pessoas. Os danos podem incluir infecções nos olhos por "injeções de dinheiro" quando os homens ejaculam no rosto das mulheres (Dines e Jensen, 2007). As meninas sujeitas a esses danos são mais frequentemente muito jovens, com apenas 18 anos ou menos, e extremamente vulneráveis, muitas vezes sem-teto e com origens familiares problemáticas das quais não podem obter apoio e sem dinheiro para viver (Lords, 2003; Canyon, 2004).

Aqueles cujas fortunas são criadas a partir da exploração sexual de meninas e mulheres na pornografia podem ser bastante francos sobre os danos envolvidos. Assim, Rob Stallone, que dirige a Starworld Modeling, uma empresa de proxenetismo de pornografia nos Estados Unidos, comenta: "Uma garota de 18 a 20 anos, sua vida estará arruinada se ela fizer isso? Noventa por cento delas, sim. Elas ganham seus US \$1.000 por dia, depois estão fora do mercado e não têm 20 centavos" (citado em Hopkins, 2007). Ele explicou que a princípio o dinheiro parecia maravilhoso para meninas jovens e vulneráveis que nunca tiveram nenhum: "Jovens desconhecidas podem entrar, ganhar mil dólares por seis horas de trabalho e fazer tudo de novo no dia seguinte. Com \$30.000 rolando a cada mês, elas logo ganharam roupas bonitas e um carro chamativo" (ibid.). No entanto, ele reconheceu, muitas se voltaram para as drogas e acharam difícil conseguir outro trabalho quando foram usadas em pornografia e não foram mais procuradas. Elas não podiam mostrar os currículos para os possíveis empregadores que mostrassem apenas trabalhos em pornografia e sem qualificações. Um difícil paradoxo existe para jovens aspirantes a estrelas pornô. Para conseguir trabalho, elas têm que performar mais atos *hardcore* e, embora pague melhor, também diminui seu apelo por trabalhos futuros e tende a encurtar suas carreiras. A atriz cede os direitos de sua imagem por US\$1.200 enquanto o dinheiro realmente sério será feito por aqueles que a vendem e distribuem, já que o que começou como uma cena pode então ser reembalado em filmes de compilação intermináveis ou postado para sempre na web. Uma

atriz pornográfica entrevistada sobre trabalhar na indústria reclamou da falta de preparo para o tipo de trabalho envolvido: "Em adultos, não há treinamento. Em qualquer outro negócio com algum tipo de risco, existe treinamento. Se você estiver trabalhando nas docas de Long Beach, há aulas de segurança. Não há nada neste setor assim" (ibid.).

Há um número crescente de biografias de estrelas pornográficas disponíveis, que fornecem algumas informações sobre as condições em que as mulheres vivem, embora pareçam ter sido escritas para consumidores de pornografia e raramente sejam críticas à indústria. Em uma dessas biografias, a ex-estrela pornô europeia Raffaella Anderson dá uma descrição útil do que a produção pornográfica acarreta para as jovens vítimas de abusos no processo:

Pegue uma garota inexperiente, que não fala a língua, longe de casa, dormindo em um hotel ou no set. Feita para sofrer uma dupla penetração, um punho em sua vagina mais um punho em seu ânus, às vezes ao mesmo tempo, uma mão na bunda, às vezes duas. Você deixa uma garota em lágrimas, que urina sangue por causa das lesões, e ela também se caga porque ninguém lhe explicou que ela precisava fazer um enema... Depois da cena que as meninas fizeram sem direito de interromper, elas têm duas horas de descanso.

(citado em Poulin, 2005, p.138; tradução minha)

Em reconhecimento a tais danos graves, Richard Poulin chama a pornografia de "estetização da violência sexual".

As biografias de estrelas do pornô sugerem que as meninas que se envolvem se tornaram vulneráveis por histórias de violência sexual. Assim, a famosa atriz pornô Traci Lords, que revela em sua autobiografia que começou sua breve carreira na pornografia aos 15 anos, foi estuprada aos 10 anos por um garoto de 16 anos (Lords, 2003). Ela foi então submetida a abuso sexual pelo namorado de sua mãe. Ela engravidou de um menino de 17 anos logo após seu 15º aniversário e saiu de casa em busca de dinheiro para um aborto, abrigo e ajuda do agora ex-namorado de sua mãe. Ela morava com ele e ele a vendia para a pornografia, levando-a aos sets e pegando o dinheiro. Ela foi rapidamente introduzida no uso de cocaína, que era comum nos sets de produção. No início, ela posou para fotos com seu cafetão se masturbando com excitação ao lado do set. Ela foi contratada para uso na *Playboy* quando ainda tinha 15 anos. Aos 16 anos vivia com um viciado abusivo que a cafetinava e a pressionava para pornografia *hardcore* "ao vivo", pois, de outra forma, ela não conseguiria trabalho, e ela ganhou US\$ 20.000 por 20 filmes. Um deles apresentava um grupo de mulheres, incluindo ela, apanhando e fingindo ser pôneis para uma produtora japonesa. Ela começou a fazer *strip-tease* no O'Farrell Theatre aos 16 anos.

Outra estrela pornô, Christy Canyon, entrou na indústria aos 18 e teve que assinar uma papelada que perguntava se ela faria "anal" ou "*gang bangs*" e se havia alguma parte de seu corpo que ela não queria que fosse ejaculada (Canyon, 2004). Ela disse que só queria fazer revistas, o que significa fotos. Três dias depois, ela foi enviada para o set de um filme de pornografia *hardcore* pela agência de proxenetas que a contratou. Ela descreve o cafetão como uma figura paterna para ela e o único apoio emocional ou financeiro que ela tinha. Nessas biografias de estrelas pornôs, a história comum é que as meninas são adolescentes desesperadas por dinheiro, rotineiramente sem-teto e com pouca autoestima ou fontes de apoio emocional. Elas são rapidamente pressionadas para filmes de *hardcore* que inicialmente rejeitam. Se não aceitarem, o dinheiro seca e elas voltam à rua.

A crueldade das práticas em que são assim obrigadas a praticar, bem como o ódio às mulheres que os filmes pornográficos representam, é revelado nas descrições no site Adult Video News dos filmes que analisa. A descrição da produção de um título de 2005 na AVN mostra a crueldade envolvida, já que a mulher que está sendo prostituída aqui sofre longa penetração anal de dois pênis.

Audrey enlouquecida por pênis está iluminando a sala à níveis críticos de massa com sua energia cegante de força nuclear, levando vários martelos de homem... dois e três de uma vez, na boca dela, boceta e bunda pela melhor parte de uma hora de muito suor.

"Porra! Encha-me como uma puta de merda!" ela rugiu para cada um e todos, o calor depravado do alto-forno fazendo sua pesada maquiagem escorrer por seu lindo rosto como um Alice Cooper. Audrey até estabelece um suposto novo recorde pornográfico (tais registros sendo duvidosos na melhor das hipóteses) por período de tempo fazendo anais duplos contínuos - 18 minutos (quebrando, ela me diz, a velha marca de Melissa Lauren de 17 minutos).

A cena é filmada pela dupla dinâmica de Jim Powers e Skeeter Kerkove, o último dos quais apenas exala pura alegria com o processo de produção de pornografia. "Olhe esse anal duplo!" exclama ele animadamente em um ponto, cheio de alegria de criança em uma loja de doces. "Isso é melhor do que férias no Camboja."

(Adult Video News, 2005)

O Camboja é mencionado porque, como veremos na próxima seção, o desespero das mulheres e crianças pela subsistência o transformou em um paraíso para turistas sexuais ocidentais e empresas de produção de pornografia.

A globalização da indústria da pornografia

A indústria da pornografia é agora internacional em sua produção e distribuição, no tráfico de mulheres que facilita e nos efeitos prejudiciais que tem sobre o status das mulheres em culturas não ocidentais nas quais a pornografia é uma nova prática prejudicial. À medida que a indústria se expande, ela busca ambientes novos e mais baratos para produzir os materiais e novos mercados para vendê-los. Elementos da indústria da pornografia optam por fazer filmes pornôs em países onde as mulheres são vulneráveis a formas graves de exploração e podem receber uma ninharia. Um bom exemplo do que poderia ser visto como terceirização de risco (Haines, 2005) é uma empresa americana que produz materiais sadomasoquistas para o site "Rape Camp" [Acampamento do Estupro] usando mulheres vietnamitas baratas e complacentes no Camboja, onde a empolgação dos consumidores masculinos ao vê-las estupradas foi reforçada pelo racismo (Hughes, 2000). A exploração sexual particularmente grave de mulheres no Camboja é resultado da maneira como a indústria do sexo foi desenvolvida para servir aos militares que participaram das guerras na sub-região do Mekong antes de 1975, especialmente os soldados dos EUA. Como Donna Hughes explica, este residente de Phnom Penh anunciou em 1999 que estava adicionando um programa de sexo ao vivo sobre escravidão em seu site da Internet, que apresenta "escravas sexuais asiáticas" usadas para "escravidão, disciplina e humilhação" (ibid.). As mulheres foram "vendadas, amordaçadas e/ou amarradas com cordas enquanto eram usadas em atos sexuais; algumas tinham prendedores de roupa presos aos seios". Os espectadores foram, relata Hughes, encorajados a "humilhar essas escravas sexuais asiáticas o quanto quiserem". Haveria acesso *pay-per-view* no qual os clientes pudessem solicitar tortura em tempo real por até US\$75 por 60 minutos. O site também ofereceu turismo de prostituição no Camboja. O pornógrafo Don Sandler usou mulheres vietnamitas em vez de cambojanas, pois achava que isso criaria menos indignação local.

Ele estava terceirizando a subordinação das mulheres, assim como o risco, conforme deixou claro ao responder às sugestões de que o site poderia provocar violência contra as mulheres cambojanas. Ele disse que esperava que o mercado fosse na América e estava feliz que as mulheres fossem atacadas lá: "Eu odeio essas vadias. Eles estão fora da linha e esse é um dos motivos pelos quais quero fazer isso... Estou passando por um divórcio agora... Eu odeio as mulheres americanas." A Ministra dos Assuntos das Mulheres do Camboja afirmou que isso constituiu violência contra as mulheres e Sandler foi preso. Autoridades dos

Estados Unidos garantiram que ele não foi processado, mas deportado de volta para os Estados Unidos. Donna Hughes identifica este incidente como um exemplo da expansão da indústria global do sexo que resultou da “tolerância *de jure* e *de facto* da prostituição e da pornografia”, que “aumentou a demanda dos homens por mulheres e meninas para serem usadas como entretenimento sexual ou atos de violência”. As atividades de Sandler no Camboja marcaram o início de uma grande expansão em programas de sexo ao vivo via Internet por meio de empresas como o Private Media Group operando por satélite de Barcelona (Hughes, 2000). Em 1999, essa empresa transmitiu simultaneamente para 1.000 clientes.

Não são apenas as mulheres adultas que estão sendo exploradas na produção de pornografia no Camboja. A UNICEF condenou o uso de crianças cambojanas na pornografia. A mídia cambojana apontou que crianças a partir de sete anos estão disponíveis gratuitamente em vendedores de discos de vídeo em Phnom Penh, e os filmes têm títulos em idioma khmer, como *Luring Underage Child* [Atraindo Criança Menor de Idade] e *70-year-old Grandfather Rapes 9-year-old Girl* [Avô de 70 anos de idade Estupra Garota de 9 anos de idade] e incluem cenas de escravidão e abuso sexual (Cambodia Daily, 2007). O impacto da indústria mundial da pornografia no Camboja vai além do dano que ela cria para mulheres e crianças usadas em sua produção. A pesquisa sugere que a disponibilidade de pornografia para crianças no Camboja está tendo um efeito profundo nas atitudes em relação à sexualidade e na prática sexual. Um estudo foi realizado em resposta a vários casos de agressão por menores a menores nos quais os perpetradores alegaram ter sido influenciados pela pornografia (Child Welfare Group, 2003). Os pesquisadores entrevistaram 677 menores em Phnom Penh e três províncias. Eles descobriram que 61,7% dos meninos e 38,5% das meninas tinham visto pornografia. A pornografia era exposta abertamente e vendida em bancas de jornal, cafeterias, locadoras de vídeo, empresas clandestinas e por vendedores ambulantes. Algumas cafeterias exibem pornografia ao longo do dia e os clientes são todos homens. O café tem que ser pago, mas a pornografia é simplesmente um aliciamento.

Alguns dos efeitos de assistir pornografia em jovens do sexo masculino foram indicados em entrevistas em grupo. Em um grupo de entrevista, por exemplo, os meninos disseram que “gostavam de assistir à violência, e que a maioria dos homens gostam” (ibid., p.17). Quando lhes perguntaram como se sentiam, um menino respondeu: “Queremos fazer o que vemos.” Os meninos disseram que não machucavam as mulheres, mas “usavam uma linguagem forte e levantavam a voz para as prostitutas depois de assistir a esses filmes” (ibid., pág.17). No entanto, eles também disseram que tinham certeza de que assistir pornografia violenta tornava os homens violentos com as mulheres e encorajava o estupro e que acreditavam que as mulheres gostavam de ser agredidas durante

o sexo porque aumentava o prazer sexual das mulheres. Os autores dizem que, embora sua evidência seja anedótica, ela sugere que pode haver um “efeito dessensibilizante” da pornografia. Eles comentam que é claro que os menores usam a pornografia como meio de obter informações sobre sexo. Os meninos explicaram que iam assistir aos filmes nas cafeterias todas as noites porque não tinham mais nada para fazer e que, se pudessem, iriam visitar uma prostituta depois. Eles acrescentaram que “não é possível assistir a esses filmes sem fazer sexo ou se masturbar depois, e que não é incomum para homens que não podem pagar uma prostituta pegar uma garota na rua e estuprá-la” (ibid.).

A pornografia pode ter efeitos ainda mais profundos nas comunidades tradicionais, onde foi identificada como desempenhando um papel na normalização do abuso sexual e da prostituição de crianças e jovens. Onde a pornografia é introduzida repentinamente em uma cultura indígena, pode ser possível identificar mais facilmente as maneiras pelas quais o status das mulheres é prejudicado. Nas sociedades ocidentais, a pornografia foi normalizada ao longo de 40 anos. Enquanto isso acontecia, a retórica da liberdade sexual, a liberdade de expressão e a liberação sexual foram usadas para justificá-la. Pode ser difícil agora para os cidadãos se virar e observar os danos que a pornografia causou, porque seus valores se tornaram parte de muitas áreas da cultura (Jeffreys, 2005). Em comunidades tradicionais, no entanto, a pornografia pode ser vista como tendo um efeito dramático semelhante ao da igreja cristã, que foi trazida para as sociedades do Pacífico pelos colonizadores no século XX. O Cristianismo minou as práticas sexuais tradicionais ao categorizar como atividade sexual anticristã que não acontecia nos casamentos cristãos. O impacto da pornografia foi indiscutivelmente igualmente poderoso na promoção de um novo sistema de valores sexuais, mas de uma forma muito diferente. Essa nova forma de colonização cultural tem a ver principalmente com a disseminação do sistema de valores da pornografia americana, uma vez que os Estados Unidos são a principal fonte de pornografia que penetra nessas sociedades. Como Stiki Lole comenta em um artigo sobre a mudança das práticas sexuais nas Ilhas Salomão: “Embora Malaitan Kastom e o Cristianismo ainda sejam influentes, as práticas sexuais dos jovens são influenciadas também por processos de globalização, incluindo o aumento da movimentação de pessoas e exposição ao rádio, televisão e vídeos, pornografia e a Internet” (Lole, 2003, p. 219).

A pornografia foi apontada como um fator significativo na transformação das práticas e atitudes sexuais nas comunidades aborígenes australianas tradicionais, onde houve, nas últimas décadas, uma epidemia de abuso sexual infantil e violência contra as mulheres. Em 2007, o relatório *Little Children Are Sacred* [Crianças Pequenas São Sagradas] (Wilde e Anderson, 2007) ganhou muita cobertura da mídia por suas revelações perturbadoras sobre o abuso sexual de crianças em comunidades no Território do Norte. Ele sustenta a importância da

pornografia na criação dessa devastação. O relatório afirma que a questão da resposta das crianças e da comunidade à pornografia foi "levantada regularmente" nas comunidades visitadas (ibid., p.199). Os autores comentam que "o uso de pornografia como forma de encorajar ou preparar as crianças para o sexo ('aliciamento') teve aparecido fortemente em casos recentes de destaque". Eles dizem que, em apresentações escritas, grupos comunitários e indivíduos expressaram preocupação com a maneira como as crianças foram expostas à pornografia. Essa exposição foi atribuída à supervisão deficiente, superlotação e normalização do material. O relatório é claro de que os efeitos são prejudiciais, afirmando que "a dieta diária de material sexualmente explícito teve um grande impacto, apresentando aos aborígenes jovens e adolescentes uma visão da prática sexual dominante e do comportamento que é preconceituoso. Isso os incentiva a representar as fantasias que vêem na tela ou nas revistas".

O relatório também culpa a pornografia pelo advento do comportamento sexualizado evidente em jovens e mesmo em crianças pequenas que agem sexual e agressivamente umas com as outras. Alguns exemplos de abuso sexual que estavam ocorrendo nas comunidades incluíam um menino de 18 anos estuprando analmente e afogando uma menina de seis que estava nadando com amigos em um poço, um menino de 18 anos penetrando digitalmente na vagina de sua sobrinha de sete meses e de um menino de 17 que regularmente exibia DVDs pornográficos em uma determinada casa e fazia com que crianças pequenas representassem as cenas dos filmes. O relatório afirma que há "um comportamento sexualmente agressivo crescente de meninos e meninas" e os adolescentes estão se tornando "mais violentos, mais sexuais e mais anárquicos" (ibid., p.66). Houve uma alta taxa de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e de gravidez em crianças de 12 a 16 anos, e aumento do sexo "consensual" entre crianças. O problema havia chegado a um ponto em que, em uma comunidade, "as meninas não entendiam que tinham a opção de recusar sexo. Elas aceitaram que, se andassem à noite, estariam disponíveis para o sexo" (ibid.). Muitas dessas crianças, senão todas, haviam sofrido abusos sexuais, testemunhado comportamento sexual impróprio por meio de pornografia ou visto outras pessoas fazendo sexo na frente delas. A pornografia foi vista nas comunidades como uma forma de quebrar as restrições culturais tradicionais que outrora tornariam tal comportamento impensável. A pornografia está disponível nas comunidades tanto na TV paga via Austar quanto em DVDs. Austar diz que existe um software de bloqueio disponível para bloquear a pornografia que distribui, mas as instruções para isso estão disponíveis apenas em inglês, não em idiomas indígenas. Um grupo entrevistado para a reportagem identificou a emissora de TV estatal cujo resumo é a exibição de programas multiculturais, a SBS, como outra fonte de programas pornográficos, que exibe principalmente nas noites de sexta-feira. Outro grupo queixou-se tanto de vídeos pornográficos como de vídeos musicais com conteúdo pornográfico, bem como da TV normal e de

revistas com conteúdo pornográfico, e outro comentou que “muitas vezes eram rapazes brancos que vinham e vendiam os DVDs pornográficos” (ibid., p.199).

O estudo da UNICEF de Shamima Ali sobre a violência contra meninas em cinco países do Pacífico também aponta para a infiltração da pornografia nessas sociedades tradicionais e o papel que ela desempenha na criação de indústrias de prostituição e exploração sexual de meninas (Ali, 2006). Ela explica que os homens na Papua Nova Guiné (PNG) estão “gastando a renda em dinheiro da família (derivada do pagamento de *royalties* ou do pequeno negócio de sua esposa) em pornografia e prostituição, alimentando assim indústrias que rebaixam mulheres e meninas” (ibid., P. 7). A disseminação da pornografia, diz ela, e “seu fácil acesso em muitos países do Pacífico” acredita-se que “aumenta significativamente os riscos para as meninas de se tornarem vítimas de violência sexual” (ibid., P. 7). Em países onde a exploração de recursos está ocorrendo, como Papua Nova Guiné e as Ilhas Salomão, ela destaca, há migração interna de mão-de-obra dos homens para minas e campos madeireiros onde vivem longe de suas famílias. Isso alimenta os mercados de pornografia por vídeo, bem como a prostituição, e leva à exploração sexual de meninas. Em Fiji, as principais formas de exploração sexual incluem pornografia, prostituição, turismo sexual e adoção.

No estudo fascinante de Carol Jenkins sobre as mudanças na cultura sexual da PNG, uma entrevistada descreve a mudança de comportamento que a pornografia criou. Ela diz que em sua juventude dormiu com meninos, mas eles só podiam esfregar os narizes. Isso mudou porque “nossas mentes agora estão cheias de sexo. Vemos pessoas brancas nuas e se beijando na tela da TV e nos livros” (Jenkins, 2006, p.10). Jenkins relata que “a mídia, especialmente vídeos e revistas pornográficas, também desempenha um grande papel na mudança das formas de sexo” (ibid., p.30). Nas discussões de grupo de foco em seu estudo, a pornografia foi considerada responsável pelo “aumento do estupro, aumento do impulso sexual e a disseminação de ISTs” (ibid.). Os comentários de um de seus informantes retratam de maneira impressionante como a pornografia pode afetar um menino que não foi criado com as expectativas de uma cultura pornográfica ocidental. Ele foi questionado sobre qual filme ele viu pela última vez e respondeu que não conseguia se lembrar, mas “foi representado por pessoas brancas... Eu os vi nus, eles brincavam com seus órgãos sexuais, sugando os órgãos sexuais uns dos outros - eles f*** como cães selvagens” (ibid., p.30). Ele disse que não conseguia “controlar meus sentimentos. Perdi o controle, meu pênis se expandiu e expandiu. Alguns dos meninos, quando o viram, seguraram seu pênis expandido e tentaram controlá-lo, mas não conseguiram... quando saí, quando vi as meninas, fiquei realmente tentado a estuprá-las. Eu queria colocar em prática o que vi que me deixou sexy” (ibid., p.30).

As mudanças na cultura sexual levaram a taxas extremamente altas de estupro coletivo, em particular. Jenkins comenta que o estupro em grupo é culturalmente específico para PNG, onde é responsável por pelo menos metade de todos os estupros e é conhecido localmente como “formação, linha profunda, arquivo único e cópula plural”. Dos jovens neste estudo, 11% das mulheres e 31% dos homens relataram envolvimento pessoal em formações.

Conclusão

A indústria da pornografia estimula a expansão de muitas outras áreas da indústria global do sexo e cria os clientes masculinos que usam os clubes de *strip* e bordéis. Sua rentabilidade tenta o envolvimento de grandes corporações e atrai o interesse de bancos e investidores. As práticas e produtos estão evoluindo muito rápido e apresentam uma variedade considerável, de sexo por telefone a sites de sexo ao vivo. Mas, à medida que a indústria se expande internacionalmente, atrai meninas e mulheres em todo o mundo, cujos corpos são os locais nos quais os lucros são obtidos. Mulheres em comunidades pobres do Sudeste Asiático agora podem entrar em um estande em um cibercafé e criar pornografia ao vivo para clientes em outros países que as instruem sobre o que fazer (comunicação pessoal com um membro das Filipinas da Coalizão Contra o Tráfico de Mulheres). Os homens podem vender online o uso sexual de suas esposas e crianças internacionalmente. À medida que a produção e distribuição de pornografia são globalizadas, ela está transformando as culturas sexuais em todo o mundo, prejudicando o status de mulheres e meninas. Na década de 1990, a indústria dos clubes de *strip*, às vezes chamada de “pornografia ao vivo”, também foi normalizada, como veremos no Capítulo 4, e teve efeitos igualmente preocupantes sobre as mulheres e meninas que são exploradas dentro da indústria e o status das mulheres.

Texto retirado do livro *The Industrial Vagina: The Political Economy of the Global Sex Trade* (2008), da cientista política Sheila Jeffreys.

**PIRATEIA E DIFUNDE!
TODA PROPRIEDADE
EH UM ROUBO!**



“A indústria pornográfica é a plataforma de lançamento da normalização contemporânea da indústria do sexo no ocidente. É onde começou o crescimento considerável em todo o setor. Defendida na contracultura e na revolução sexual da década de 1970 como ‘transgressora’ e libertadora, é agora uma indústria extremamente lucrativa que foi integrada para gerar receita para grandes corporações. A base da indústria é o uso sexual de meninas e mulheres jovens vulneráveis por falta de moradia e histórias de abuso sexual ou por tráfico. Mas os lucros dessa indústria não vão para aquelas que são mais prejudicadas por ela. Os danos tornaram-se invisíveis à medida que a pornografia foi normalizada na cultura popular, por meio das indústrias de entretenimento, esportes, música e moda.”